



# Quinaxixe\* o direito ao futuro

João Nasi Pereira

A demolição do Quinaxixi está concretizada. Uma obstinação sem rosto reduziu a estilha o exemplar mais marcante do modernismo arquitectónico angolano. Enquanto aguardava publicação, o trabalho que se segue perdeu, por isso, toda a eficácia pedagógica que era a parte substancial do seu propósito. Ganhou, paradoxalmente, a dramática actualidade das perdas irremediáveis, a urgência incontornável dos combates prioritários.

Vai construir-se ali um condomínio fechado com vidros à prova de bala.

*\*Mercado de Luanda, projecto do arquitecto Vasco Vieira da Costa, 1950-52.*





Constitui funda convicção do autor caber-lhe o dever de pugnar pelo reconhecimento do valor excepcional do acervo arquitectónico modernista de Angola. Seja na condição de amigo deste país, seja por inerência de ofício, seja mesmo no exercício do direito de reivindicado cidadão do mundo. Acrescidamente, prevalece a crença de que existe uma relação de causa e efeito entre a mentalidade desassombrada que propiciou o advento de uma prática arquitectónica vanguardista e a formação da consciência nacional que, inconformada, forçou a independência.

Mais de cinquenta anos volvidos sobre a sua construção, o mercado luandense do Quinaxixe reclama a atenção que lhe é devida. Actualmente ameaçado de extinção, **é a primeira obra relevante de Vasco Vieira da Costa, considerado o mais importante arquitecto angolano e uma referência do Movimento Moderno.** Num tempo de pacificação e ressurgimento económico intenso da nação angolana, afiguram-se reunidas as circunstâncias para cuidar de valores culturais até aqui necessariamente arredados das preocupações do governo, absorvido pela prioridade de sobrevivência da pátria.

No quadro actual de franca prosperidade, urge identificar e viabilizar o património fundamental para o entendimento da identidade do novo país e a compreensão do enquadramento histórico que conduziu à independência. Nesta perspectiva, impõe-se organizar e salvaguardar o património arquitectónico, particularmente aquele que constitui o legado de Vieira da Costa.

É propósito assumido deste trabalho contribuir para a divulgação da importância inadiável do conjunto de iniciativas acima descrito (com a relevância especial que a situação do Quinaxixe impõe): propondo a sua classificação como património nacional; promovendo o alargamento do reconhecimento nacional e internacional da obra de Vasco Vieira da Costa; desencadeando um movimento que impulse a constituição de uma fundação com o seu nome e com a missão crucial de promover a recolha, o estudo e a preservação do património da arquitectura modernista angolana.

# O autor

Celebram-se neste edifício duas raríssimas ocorrências: a indiscutível "angolanidade" (*avant la lettre*) do seu autor e a fundação da arquitectura angolana, entendida como acto primordial da constituição do acervo de uma prática profissional autonomizada, no contexto de uma cultura identificável com a nação angolana.

Vieira da Costa, um dos mais brilhantes intérpretes do movimento moderno no hemisfério Sul, arquitecto com reconhecimento internacional (embora, injustamente, restrito), não é, apenas um, só por si excepcional, talento na transposição para a edificação dos trópicos dos princípios daquele movimento. Não. É um génio de brilhante originalidade que procura para a comunidade que adoptou, a angolana, a expressão arquitectónica ajustada. Num tempo e num espaço em que se multiplicavam as transcrições mecanicistas de arquétipos de estilo mais ou menos internacional, consoante a cultura do autor, Vieira da Costa pesquisa já uma arquitectura que corresponda às inúmeras exigências da identidade dos angolanos a haver. Muito para além das preocupações de resposta à caracterização climática, busca a correspondência certa à especificidade local. Procura a resultante cultural e a exigência de uma radical actualidade, aliás decorrente de um anseio compulsivo dos angolares. **Pode por isso afirmar-se, sem fundamentalismos ou exageros despropositados, tratar-se do fundador da arquitectura angolana. De um profeta que emerge dentre apóstolos.**

Vasco Vieira da Costa (1911 - 1982), natural de Aveiro, estudou na Escola Superior de Belas Artes do Porto (ESBAP, 1940-46). Recebeu o prémio de urbanística da Câmara Municipal do Porto (1944-45). Entre 1945 e 1948 trabalhou com Le Corbusier, no Instituto de Paris. Elaborou, entre 1948 e 1949, o trabalho de final de curso para a ESBAP: Uma Cidade Satélite Para a Capital de Angola é título e substância de uma proposta inovadora para a expansão de Luanda, na qual se propõe aplicar os conceitos urbanísticos inspirados pelo mestre suíço. A influência do Movimento Moderno consagrada nos princípios da "Carta de Atenas" (saída do Congresso Internacional de Arquitectura Moderna, CIAM, de 1933), é indissociável da sua obra.

Regressado a Angola em 1949, de onde saíra para completar os estudos superiores, integrou o quadro técnico da Câmara Municipal de Luanda. Divergências de vulto com o poder colonial, obrigaram-no a abandonar estas funções e determinaram o início da sua actividade profissional independente. Em 1959 começou a colaboração como consultor do Laboratório de Engenharia de Luanda, que iria prolongar-se até final da década de 70. Foi um dos responsáveis pela fundação da Escola de Arquitectura de Luanda, em 1979, de que foi director até ao ano da sua morte, 1982.

Os expoentes mais relevantes da sua vasta produção (exclusivamente angolana) são:

- o mercado do Quinaxixe, Luanda, 1950-52;
- o Laboratório de Engenharia de Angola, Luanda;
- a "casa inglesa", Luanda(?);
- a Casa do Morro de Samba, Luanda;
- o "Prédio da Maianga", Luanda;
- a escola Anangola (Associação dos Naturais de Angola), Luanda;
- a Faculdade de Medicina Veterinária, Huambo;
- o edifício de escritórios na marginal, Luanda;
- o Ministério do Urbanismo e Obras Públicas, Mutamba, Luanda, 1968-69;
- o edifício de habitação colectiva, Sambizanga, Luanda;
- o cinema São Paulo, Luanda.<sup>1</sup>

**1.** O arrolamento das obras não é cronológico, como seria desejável, por não ter sido possível apurar, com a fiabilidade e precisão necessárias, as datas respectivas. Optou-se, contudo, por manter a indicação daquelas de que houve conhecimento.

# Uma obra de referência

As nações, tenham a idade que tiverem, são, sobretudo, história. A história dos estados é uma construção abstracta e imaterial, urdida com uma miríade de filamentos, muitos deles tintos de sangue. São estes, regra geral, que mais se destacam. Mas a maioria esmagadora dessas fibras está simplesmente impregnada de suor, ressuma sofrimento, emana de convicções fortes e é torcida, retorcida, arreesada, inextrincável.

Os países também são invenções recentes, considerando que a espécie humana já existe há milhões de anos. Creio poder afirmar, sem mais fundamento que o de uma convicção pessoal não informada por qualquer investigação, que resultam da instituição do conceito de propriedade privada. E este, eventualmente, da imposição do domínio de um grupo sobre um território, em defesa de uma ou de várias qualidades dessa região, especialmente valorizadas pelo grupo. Protecção que será indispensável continuamente assegurar no futuro, sob pena de "perda da soberania", ou seja, perda da dominação sobre o espaço em causa. A preservação da soberania, em tempos mais recuados, dependente quase em exclusivo do uso da força, evoluiu com o progresso das sociedades e está, na actualidade, muito mais associada a factores de reconhecimento internacional, entre os quais avulta a identidade cultural dos povos. Esta radica, sobremaneira, na sua história.

Regressados ao início, à importância decisiva da história na génese dos países, fácil é depreender que, na urdidura a que a associámos metaforicamente, os filamentos são, essencialmente, memória. A memória requer testemunhos. E estes consubstanciam o património. Ao património arquitectónico tem cabido papel decisivo nesta tarefa fundamental de afirmar a identidade dos estados. É nele que se espelha, de forma particularmente eficaz, a singularidade do viver de cada nação. De facto, a arquitectura, abrigando o essencial da actividade humana, retrata de maneira acessível e viva as particularidades de cada cultura.



Em Angola, não creio que haja testemunho arquitectónico mais eloquente que este mercado do Quinaxixe. Por constituir uma confirmação de actualidade que, meio século passado sobre a sua construção, se não atenua. Por persistir em afirmar uma originalidade ímpar no modernismo arquitectónico dos trópicos. Por corresponder, incontestavelmente, por tudo isto e mais, a uma expressão fundamental da identidade angolana e por ser uma sua formulação particularmente feliz.

É esta representatividade singular que faz do edifício projectado por Vasco Vieira da Costa em 1950 um património único cuja destruição, de facto ou dissimulada, será sempre irreparável.

A esta função - mercado - atribuiu tal força estratégica no quotidiano luandense que lhe outorgou uma localização invulgarmente privilegiada (aliás, a sua maior ameaça actual). Situação nada despicienda na afirmação da própria singularidade da função de mercado no contexto urbano de Luanda. O seu autor desenvolvera já uma importante e criativa reflexão sobre esta urbe, consubstanciada, aliás, na sua tese de curso na qual defende propostas inovadoras para a respectiva expansão. A autenticidade do programa está plasmada na previsão criteriosa de todos os predicados urbanos que lhe garantiram a eficiência e asseguraram uma longevidade admirável: acessos generosos, folgada capacidade de estacionamento, hierarquia criteriosa de

funções (serviços e armazenamentos no piso inferior, vendas em cima), tudo na mais económica e despojada das regularidades formais. Fundamentalmente, um largo que se desdobra em duas outras praças (e praça é, também, outra designação do português para mercado) edificadas para aquisição dos atributos indispensáveis ao desenvolvimento desta fundamental actividade que é o abastecimento da capital. Nos exactos termos decorrentes da tradição: sombra, arejamento, deambulação. Nem despropósitos tecnológicos, nem exageros formais. Na essência, um percurso em redor desses dois quase quadrangulares vazios, cheinhos de luz e ar. Da luz que indirectamente ilumina a penumbra do interior e do ar, limpo e abundante, que assegura o constante e generoso arejamento das bancas, de onde exala a intensidade dos odores de África.

Quando em 97 lá ia amiúde abastecer-me (não tinha sido ainda encerrado), cabia nele com alegre proficiência, a exuberância de cores e aromas de todos os outros mercados de Luanda (alguns dos quais frequentei também). Apesar das dificuldades de então (irregularidades nos abastecimentos de água, de electricidade e de muitos outros produtos), recordo-me de ter registado um desempenho agradavelmente favorável desta estrutura, construída para a função, face aos terreiros mais ou menos improvisados, onde se celebra o ritual quotidiano de compra e venda nos restantes mercados da capital. Durante algum

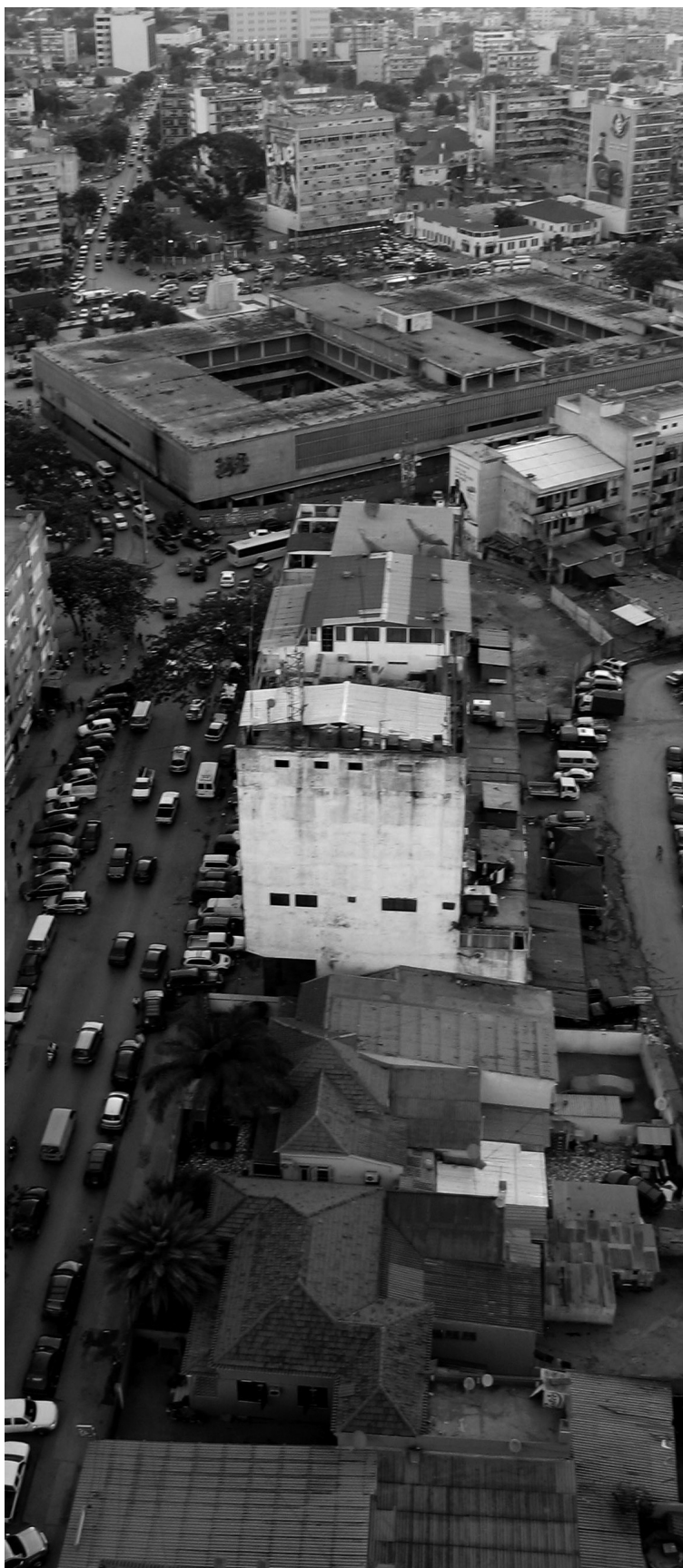


tempo, tomei diariamente o pequeno-almoço numa pastelaria instalada numa das esquinas do piso térreo, caída então no goto dos luandas, devido a uma remodelação recente (desinteressante, seja qual for a exigência arquitectónica, mas com as inegáveis vantagens da limpeza e da modernização). Tenho ainda na memória resquícios das emoções desencontradas e paradoxais provocadas pela oportunidade magnífica de utilizar quotidianamente a obra do mestre luandense, ainda que proporcionada por uma intervenção tão discutível. Não é uma operação saudosista/revivalista que se defende. Ao invés, é uma consciencialização da importância deste património, enquanto testemunho dinâmico da história, que se advoga. A preservação dos vestígios históricos tem de referir-se a todos os estádios da evolução de Angola. E, se os mais remotos e invulgares como o palacete de D. Ana Joaquina ou o palácio de Ferro são indiscutíveis, é absolutamente crucial para a memória da génese do país, cuidar de assegurar a viabilidade, na Luanda do futuro, destas provas palpitantes do arrojo da geração dos angolanos que impôs a independência.

Entenda-se "preservação" como conceito bem mais ambicioso que o da conservação em formol de um corpo sem vida. Trata-se de compatibilizar a integridade arquitectónica do edifício com a respectiva reintegração urbana activa e consistente. De evitar precipitações equívocas (como as que ocorreram no processo de recuperação do palacete de D. Ana Joaquina), mobilizando a opinião pública angolana (que, instintivamente, acarinha já a ideia) e os vastos recursos do país para a montagem de uma operação de prestígio internacional. Intervenção que assegure a menos polémica e mais arrojada das soluções (ou a mais interessante das controvérsias) num processo que nunca poderá ser pacífico, mas cuja importância justifica cabalmente tal investimento.

Mais que de um vestígio longínquo da história, é de um marco vivo e significativo de acontecimentos recentes que se trata. Uma afirmação decidida e optimista característica dessa gente variada, empreendedora e arrebatada que declarou a imperiosa inevitabilidade de um país novo. Novo no sentido mais lato: vanguardista.





## Bibliografia

TELES GRILO, Maria João, in *Portugal: Arquitectura do século XX*, Frankfurt. [BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried (organização) - *Arquitectura do Século XX: Portugal*. Prestel. Lisboa. 1997].

FERNANDES, José Manuel - *Geração Africana: Arquitectura e Cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975*. Livros Horizonte. Lisboa. 2002.

FERNANDES, José Manuel - *Cidades e Arquitecturas*. Livros Horizonte. Lisboa. 1999. p 53 a 55.

PORTAS, Nuno; MENDES, Manuel - *Arquitectura Portuguesa Contemporânea: Anos Sessenta/ Anos Oitenta*. Fundação de Serralves. Porto. 1991.

BANDEIRINHA, José António - *Arquitectura Moderna: o Grau Zero da Memória*. in AAVV;

TOSTÕES, Ana (coordenação) - *Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970*. IPPAR. Lisboa. 2004.

QUINTÃO, José - *Sobre Vasco Vieira da Costa*. in FERNANDES, José Manuel - *Anos 60 anos de ruptura: arquitectura portuguesa nos anos sessenta*. Livros Horizonte. Lisboa. 1994.

COSTA, Vasco Vieira da - *Luanda: Plano para a Cidade Satélite n.º3. Concurso para obtenção do diploma de arquitecto*. Escola Superior de Belas Artes do Porto (Curso de Arquitectura) e Departamento de Arquitectura da Faculdade de Engenharia da Universidade de Angola. Porto. 1984.

REAL, Troufa - *O arquitecto Vasco Vieira da Costa*. in *Jornal Arquitectos* # 8-9. Associação dos Arquitectos Portugueses. Lisboa. 1982. p 20.